ANO 7.º — Sexta-feira, 22 de Janeiro de 1915 — NUMERO 354

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Gràve

—(*)—

Deu-se na manhã de quarta-feira um pronunciamento militar em Lisboa, que, apezar de ser prontamente sufocado, nem por isso deixa de ter uma alta significação no momento que atravessâmos seja qual fôr o modo porque o encarem aqueles a quem estão confiados os destinos da nacionalidade.

Assim, vemos nos relatos dos jornaes da capital que um consideravel numero de oficiaes de patente superior, todos pertencentes á guarnição de Lisboa, se preparavam não só para ir a Belem solicitar do chefe do Estado a demissão do sr. ministro da guerra, acto que não chegaram a realisar por lhes ter saído ao encontro o tenente coronel Souza Rosa, que os deteve, mas ainda provocar a insurreição como protésto contra a transferencia de alguns colégas dos corpos onde serviam, caso o sr. dr. Manuel de Arriaga os não atendesse.

Os manifestantes pertenciam aos regimentos de cavalaria 2 e 4 e de infanteria 5, tendo-se a jornada aprazado para as 9 horas de ante-ontem, dia da partida dos nossos soldados para Angola. Não podiam ser mais infelizes. Infelizes na ocasião escolhida e infelizes pelo modo como exteriorisaram o seu descontentamento levando ao extremo um protésto que podia pôr em sério risco as instituições.

Mas não poz e uma vez mais ficou demonstrado que dedicados republicanos velam a toda a hora por elas e estão prontos a defende-las ainda que para isso seja necessário o sacrificio da propria vida.

Contudo o pronunciamento militar de Lisboa nem por não ter consequencias de maior deixa de ser um mau sintôma. Vê-se que nos quarteis ha agitação e que o govêrno, este govêrno, longe de merecer a confiança do país, só tem contribuido para alastrar a discordia desde o primeiro dia que subiu ao poder.

E isso é gràve, muito gràve para que não seja ponderado devidamente por aqueles a quem cabe uma grande parte de responsabilidade no que se está passando.

A solução da crise tal como a vimos resolvida após a quéda do gabinête Bernardino Machado e a atitude do sr. Camacho ácêrca da nossa participação na guerra, foi no que deu. A degringolade, longe de desaparecer, resurge, e de todos os pontos os bons republicanos clamam aos chefes politicos que dêem o exemplo de abnegação e patriotismo necessário para dignificar a Republica enaltecendo a Patria. Isso, porém, parece ter sido posto completamente de parte e os resultados aí estão bem patentes para que seja necessário aviva-los em toda a sua extenção e clarêsa.

Que mais virá depois disto? Que outras surprêsas nos estarão reservadas e ao velho Portugal sob a égide dum regimen que veio como unico recurso para estabelecer a paz e salvar o país do abismo em que ía a mergulhar?

E' o que vamos vêr. Se nos fôr dado assistir a tudo para que maior seja a desilusão em face de tanta asneira como as que vemos praticar.

Films . . .

Ministro da Justiça

Um colaborador do *Camaleão*, muito dado a biografias, saíu-se agora com a do atual ministro da Justiça, no orgão da familia, que abre desta maneira:

José María de Vilhena Barbosa de Magalhães nasceu em Aveiro e entrou oficialmente na vida pelo acto do seu batismo realisado na egreja de Nossa Senhora da Apresentação, paroquial da Vera-Cruz, de que é testimunho este documento:

«Aos 4 dias do mez de Março do ano de 1880, nesta egreja paroquial da Vera-Cruz da cidade de Aveiro, concelho e diocese da mesma, com previa licença do Ex.mo Prelado, batisei solénemente *sub conditione*, por ter sido batisado á nascença pela parteira Rosa de Santa Maria, viuva, moradora nesta freguezia, e puz os Santos Oleos a um individuo do sexo masculino, a quem dei o nome de José Maria, que nasceu nesta freguezia ás duas horas da tarde do dia 31 do mez de Dezembro do ano de 1879, filho legitimo de José Maria Barbosa de Magalhães, bacharel formado em Direito, e de D. Maria José de Vilhena de Almeida Maia e Magalhães, que se emprega no governo da sua casa, naturaes desta freguezia e paroquianos da mesma, moradores na rua da Vera-Cruz e recebidos nesta mesma freguezia: neto paterno de José Maria de Magalhães e de D. Ana Maria da Encarnação Barbosa de Magalhães, e materno de Manuel Firmino de Almeida Maia e D. Maria de Arrabida de Vilhena de Almeida Maia. Foi padrinho o dito avô materno, casado, proprietario, e madrinha Nossa Senhora do Amparo, tocando com a sua Corôa a supradita avó materna, D. Maria de Arrabida de Vilhena de Almeida Maia, moradores nesta freguezia—os quaes todos sei serem os proprios. E para constar, lavrei em duplicado este assento, que, depois de ser lido e conferido perante o padrinho e a representante da madrinha, comigo assinam. Aveiro, 6 de Março de 1880. O padrinho: M. F. de Almeida Maia, Maria de Arrabida de Vilhena de Almeida Maia.
O Encomendado Daniel Tavares Nogueira.»

Com taes sacramentos, como é que o biografado do *Papa-selos* havia deixar de ser republicano e consequentemente ministro da Justiça dum govêrno radical?

Não podia. Por todas as razões e ainda por aquela que provém da Nossa Senhora do Amparo não ter força suficiente para lhe sustar os impetos revolucionarios...

O *Camaleão* completou-o.

Admiravel gesto

Descrevem os jornaes uma cêna comovedora passada na estação das Devezas entre a esposa do major Alexandre Mourão, comandante da coluna expedicionária de infanteria 18 e este ilustre oficial, que ali recebeu da companheira dedicada as ultimas despedidas. Abraçaram-se profundamente comovidos e aos olhos da bondosa senhora afluiram sucessivas lagrimas. Mas poude nobremente triunfar da emoção que a acometera e num rasgo de eloquente patriotismo, virando-se para os soldados, exclamou: viva a Patria!

Toda a multidão correspondeu a este grito. E o comboio partiu, levando efectivamente arrastada pela força poderosa da sua maquina a alma da Patria, que o exercito simbolisa, e essa senhora, genuina encarnação da mulher portuguêsa, tão bem soube elevar, arrancando de todos os peitos uma saudação cheia de calor e sentimento.

Ah! Como nos sentimos orgulhosos com este belo episodio!

Junta Geral do Distrito

—(*)—

Reuniu no sabado, em sessão ordinaria, a Comissão Executiva da Junta Geral presidida pelo cidadão dr. Marques da Costa.

Compareceram o secretario, Arnaldo Ribeiro, que retomou o seu logar e os vogaes dr. Samuel Maia, dr. Elisio Sucena e Antonio Carlos Vidal, este em substituição do sr. dr. Eugenio Sampaio Duarte a quem foram concedidos tres mezes de licença.

Eis as suas deliberações:

Nomear interinamente, precedendo exame medico, o cidadão José Cabecinha para o logar de 2.º prefeito do Asilo em substituição de Francisco Ferreira Lopes, impossibilitado, por doença, de exercer aquele cargo;

autorisar a musica dos asilados a tomar parte na comemoração do 31 de Janeiro levada a efeito pela Junta de Paroquia de Esgueira;

não admitir por enquanto nas duas secções do Asilo os alunos semi-internos de que fala o regulamento visto faltar a verba indispensavel para prover á despêsa;

ordenar a transferencia dos trabalhos de costura, rouparia, etc., que se achavam na secção masculina para a feminina em conformidade com uma das propostas apresentadas na ultima reunião da Junta por Arnaldo Ribeiro e elevar, como era de justiça, a mensalidade ás lavadeiras do Asilo atendendo assim as suas reclamações.

Foram distribuidas várias contas de irmandades e autorisados alguns pagamentos.

Pelo secretario foi pedida uma nota de todos os asilados do sexo masculino que andam a trabalhar fóra e que ganham ordenado, quanto ganham e as quantias que já teem depositadas, se é que as ha, assim como tambem a nota dos que frequentam as oficinas do asilo e ordenados que lá auférem.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A caminho de Africa

Partem dois contingentes militares que são alvo, na estação de Aveiro, de entusiasticas aclamações

O EMBARQUE EM LISBOA

Com determinada celeridade e precisão pouco vulgares, organisou-se a nova expedição militar que estava indicada afim de seguir para a Africa Ocidental, onde numerosos soldados portuguezes foram cobardemente atacados pelos bandidos que lá, como cá, tão larga e infamemente tem reproduzido as mais revoltantes scenas de barbarismo e destruição, de mistura com o mais profundo desrespeito e desacato pelas proprias leis da guerra e até pela disposição de tratados e compromissos que taes selvagens anteriormente tinham reconhecido e sancionado.

Assim, no ultimo sábado, foi aqui recebida telegraficamente, cêrca do meio dia, ordem para que o dr. José Maria Soares, tenente medico de cavalaria 8, se apresentasse no quartel de infanteria 20, em Guimarães, onde tinha sido colocado.

Conhecida essa determinação os seus camaradas de cavalaria, que por sua vez convidaram toda a oficialidade de infanteria, ofereceram uma taça de *champagne* ao medico expedicionario, inaugurando os brindes o coronel comandante do regimento de cavalaria 8, seguindo-se quasi todos os convivas presentes.

O sr. tenente Soares, agradecendo a tocante demonstração de estima que acabava de receber não só dos camaradas do seu regimento como dos oficiaes de infanteria 24, comovida e enternecidamente declarou registrar as consoladoras e lisongeiras palavras que acabava de ouvir e que além de para sempre as conservar na memoria e no coração, élas seriam mais um incentivo ao cumprimento dos seus deveres onde quer que o destino o levasse.

Abraçado com profunda simpatía por toda á oficialidade, o novo medico de infanteria 20, partiu para o seu destino no comboio correio da madrugada seguinte, indo despedir-se dêle á estação, apezar da hora matutina, muitos camaradas e amigos que souberam da sua retirada.

Na passada segunda-feira pelas 10,15 da manhã passava na estação, com destino a Lisboa, um comboio especial, conduzindo o 3.º batalhão do regimento de infanteria 18, do Porto, no qual seguiam várias praças naturaes désta cidade onde deixam familia e amigos. Ainda que não houvésse a certeza da hora da passagem do trem, e tal facto fosse para muita gente desconhecido, o que é certo é que raras vezes na *gare* se reune tão elevado numero de pessoas, animada pelo mesmo sentimentos, prezas pela mesma comoção.

Mal o comboio entrou nas agulhas, em marcha lenta e cautelosa, tal era a quantidade de povo que de ambos os lados da linha se estendia em compridas e densas filas, uma estrepitosa salva de palmas irrompeu de toda a parte, milhares de vivas se ergueram ao exercito, á Patria e á Republica enquanto a banda dos Bombeiros executava o hino nacional e os soldados, que ocupavam todas as janelas das carruagens, agitavam os capacetes, bandeiras e lenços numa comovente e eloquentissima demonstração de agradecimento e solidariedade com todos os manifestantes. Estes avançam para o comboio, e numa tocante e viva prova de amor e de carinho, despedem-se dos conhecidos e desconhecidos—todos ali juntos pelo mesmo dever e pelo mesmo sentimento.

Trocam-se abraços frementes, beijos ternos, que sendo, porém, de rapida consolação, traduzem, contudo, acendrado carinho, o maior enlevo de alma daqueles que os trocam; beijos ungidos pelas lagrimas que vimos tantos olhos derramarem—olhos de creanças, olhos de mulheres, estreitando algumas os filhos ao peito como se um vago receio as intimidasse na prespetiva de que lhes levarem tambem aqueles pequeninos sêres...

Pairou sobre aqueles milhares de corações a mesma impressão soléne e profunda, envolta na vagaancia do desconhecido e todas as bocas tivéram dôces e ternas palavras traduzindo o sentimento e o desejo intimo de que a fortuna acompanhe quantos dali partiam levando sobre as suas cabeças a misteriosa interrogação do futuro.

Corta o ambiente um silvo agudo. Ergue-se novo clamor e o comboio, arrastado pela poderosa maquina, sofre o primeiro arranco que se reflete em todos os corações como se a éla estivessem tambem ligados.

Ha o ultimo adeus e de novo correm lagrimas amarguradas pelas faces de muitos que ficam, lagrimas daquélas que bem traduzem a consolação silenciosa e docemente triste duma dôr, balsamo santo para todos os golpes que nos ferem.

A' noute, muito perto das 24 horas passou novo comboio especial conduzindo parte do contingente de infanteria 20 e cêrca de 100 praças de infanteria 18, que por várias razões não tinham podido acompanhar o batalhão deste regimento.

Apezar da hora extraordinariamente tardía, agravada pela atmosfera quasi glacial da ocasião, a *gare* e suas imediações estavam tambem repletas duma multidão compacta que aguardou a passagem do comboio, dispensando uma nova, entusiastica e comovedora manifestação ás forças que seguiam a defender a Patria. Bateram-se palmas, ergueram-se vivas e a *Portugueza* resoou a casar-se com esta manifestação que em nada desmereceu da anteriormente feita a infanteria 18.

Os expedicionarios, por sua vez, correspondiam a todas as provas de afecto e de patriotismo com vivas ao povo, a Aveiro, á Republica, á Patria, etc.

Após muito curta demora, o comboio seguiu acompanhado do desejo geral, disso estâmos cértos, para que a boa sorte a todos acompanhe e a todos traga de regresso ao continente, felizes e vitoriosos!

A saída das forças do Porto e de Guimarães; a sua passagem em diferentes partes do trajecto e a sua chegada á capital, foi assinalada pelas mais vibrantes manifestações patrioticas que se teem efectuado. Ante-ontem o seu embarque em Lisboa, atingiu assombrosas proporções de entusiasmo e de patriotismo, que muito desejariamos aqui reproduzir, mas que nos é inteiramente vedado pela pequenez do nosso jornal.

Que esses soldados sejam os portadores fieis do simbolo sagrado da Patria e que com ele levem a convicção inabalavel do triunfo que a Nação lhes confiou e deseja! Viva a Patria!

* *

Além do dr. José Soares foi tambem nesta expedição o nosso amigo Alfredo Cezar de Brito, filho, e ainda o antigo empregado nas oficinas deste jornal, Ivo dos Santos, que vendo na estação o nosso director a ele se abraçou, beijando-o enternecidamente e pedindo-lhe que a todos os amigos transmitisse as suas despedidas.

Alfredo Cezar de Brito, como Ivo dos Santos pertencem ao batalhão de infanteria 18 e são dois estimaveis rapazes dignos da consideração publica pelas bôas qualidades que neles concorrem.

Oxalá os possâmos abraçar na volta da missão que vão desempenhar longe de aqui.

Administrador de Oliveira do Bairro

Foi nomeado para exercer este cargo o antigo republicano da Povoa do Forno, sr. Manuel dos Santos Ferreira.

Não podia ser mais acertada a escolha. Santos Ferreira possue todas as qualidades para o bom desempenho da dificil missão num concelho retogrado onde ainda prevalece o espirito de seita e isso nos consola por vermos que a Republica terá lá quem a prestigie e livre do contacto duma cambada insolente que a todo o momento a pretende desrespeitar.

Receba o digno administrador de Oliveira do Bairro as nossas felicitações, se bem que reconhecêmos que o emprego não é muito de invejar.

O TEMPO

Teem sido de verdadeira primavéra os ultimos dias, que, finalmente, viéram substituir os de rigoroso inverno que vinhamos atravessando.

Só o frio é cada vez mais intenso, o que não admira no meio dos gatos e do luar que serviu de inspiração ao primoroso poeta Augusto Gil...

Aviso importante

Extraviaram-se trez letras de cambio, respectivamente de 100, 150 e 200 escudos, com o aceite de João da Naia e Silva e Beatriz Gamélas e Silva sendo os impressos unicamente preenchidos na data do dia e mez do saque e no montante em algarismos. Assim a primeira diz em letra manuscrita: 2 — *Novembro— Esc. 100$00*; a segunda: *12— Abril—Esc. 150$00*; a terceira: *1—Julho—Esc. 200$00;* e estes preenchimentos foram feitos por Luiz da Naia e Silva Junior, filho dos aceitantes.

Previne-se o publico de que essas letras, sendo hoje pertença dos aceitantes, não pódem ser negociadas.

Aveiro, 17 de Janeiro de 1915.

João da Naia e Silva
Beatriz Gamélas e Silva.

O BRAZIL DE HOJE

Fome, Mizeria & C.ª

Sem lar, sem pão, sem dó, sem Deus!

(Carta especial do Rio para o "Democrata,,

Meu caro Arnaldo Ribeiro

Pessoa de inteira confiança, recentemente chegada de Albergaria, contou-me que em minha propria terra *alguem* estranha a fórma aspera como em *O Democrata* tenho tratado das coisas do Brazil.

Por cérto, esse *alguem* ignora, em absoluto, a tristissima situação em que se encontra, ha bastante tempo já, este país. E será essa a razão, provavelmente, porque veja em tudo que tenho escrito no seu valente jornal quadros tétricos—mas filhos do meu mau humôr...

Ora é a esse *alguem* da minha terra que hoje dedico esta *beleza de hortaliça* intitulada—**Sem lar, sem pão, sem dó, sem Deus** que acabo de vêr estampada num grande diario desta capital, o *Correio da Manhã*, de que foi seu correspondente na capital portuguêsa o já celebre Candido de Castro, presentemente no Rio, parece-me que devido a uma justa medida do novo govêrno.

Sem outros comentarios, meu caro Arnaldo Ribeiro, vai o que publicou o *Correio da Manhã* sobre a angustiosissima situação em que se encontram milhares de desgraçados que vivem no Brazil. E', pois, a melhor resposta a dar a esse *alguem* que em Albergaria se entretem a dizer que eu me *sensibiliso* por méras ninharias—chamando-me *estouvado*:

Quem percorrer, ás horas mortas da madrugada, essas ruas que, durante o dia, estuam e palpitam, no movimento intenso e magnifico da vida nas grandes cidades, como a nossa, hade surpreender-se, necessáriamente, com a documentação contristadora da miseria no Rio de Janeiro.

Não é, realmente, no decorrer do dia, quando a nossa cidade borborinha e se agita com o movimento comercial, que se póde averiguar o doloroso aspecto de miseria, que ela possue. E' á noite—alta noite, quando o rumor barulhento daquele movimento se apaga e a cidade cáe num silencio grande e tranquilizador.

Quem, como nós, depois de depôr a penna, por vezes e gostosamente fatigada ao serviço do publico, tem a necessidade de atravessar, áquelas horas, essas ruas em demanda do leito, onde nos espera o sôno reparador, é que não póde fugir de testemunhar o cruel e pungente espetaculo da miseria, que se abriga nesta cidade—cidade, mesmo ás ultimas horas da noite, no silencio calmo da população que descansa esplendida e maravilhosa, na sua incomparavel e radiosa magnificencia de luz.

Não queremos falar da mendicidade, exercida em toda a cidade, sob um aspecto ás vezes intoleravel e vexatorio, a todas as horas do dia, a muitas horas da noite. Com a mendicidade, a quasi totalidade da população carioca se acha familiarizada. Realmente, quem ainda não teve deante de si a fisionomia esqualida e doente de um individuo, abalado pela fome, mão estendida, no gesto—doloroso gesto!—de provocar a caridade publica, ou de uma mulher de feições incértas, combalida pela fraqueza, andrajosa e esguia, a invocar, com voz tremula e lamurienta a comiseração alheia? Cérto, ninguem.

A nossa policia tolera esse tristissimo atestado da miseria patricia e os govêrnos da Republica jámais cuidaram que o aproveitamento de individuos ainda capazes, entregues, entretanto, á mendicancia impudente e franca, fosse um problema que reclama atenção.

Não ha, porventura, rua onde a mendicidade deixe de ser exercida. Além, todavía, desses mendigos que, nas esquinas, nas portas dos templos religiosos, nos logradoiros publicos, nos pontos de grande aglomeração, imploram a compaixão publica, ha aqueles que, de porta em porta, de casa em casa, de rua em rua, na perigrinação da fome, procuram angariar a subsistencia propria e, frequentemente, da prole numerosa, nas sobras das familias caritativas.

O numero desses pobres e miseraveis, na capital deste país extraordinario, ascende a uma cifra de aturdir.

Ha ainda, entretanto, outra classe de necessitados, que a caridade publica desconhece, porque não a socorre: é a pobreza envergonhada.

São legiões de familias, a quem uns restos compungidos de pudôr impedem de implorar, á luz do dia, ás almas generosas, o pão para matar a fome. E que dramas de resignação amarga ou de aflitissimas dôres se desenrolam no recesso dessas casas pobres!

Quantas semanas a fio a fome entorpece e exausta centenas ou milhares de pessoas, arrancando-lhes, horrivel e cruelmente, a vida, gradualmente, aos poucos, numa agonia sobremaneira dolorosa e rispida! Quanta força de vontade não se requer, para vencer o desespero, para afogar o odio rancoroso, dolorido, á vida ingrata, para diluir em lagrimas solitarias e pugentes o tedio invencivel de viver assim, na miseria profunda, incansavel! Os dias, os mezes, os anos passam-se, na mesma e irremediavel situação angustiosa e terrivel, até que a tuberculose ou a inação venham epilogar a vida desgraçadamente sofrida, numa agonia definitiva e quantas vezes ambicionada.

Não ha, entre essas familias perseguidas por uma ignominia do destino, a fugidia consolação, tão humana, entretanto, de uma esperança feliz, ou de uma ilusão promissora. A situação miseravel e persistente, que lhes transfórma a vida numa agonia dura e amarissima, impede-lhes que essas ilusões tonificantes bruxoleiem e confortem.

Não tem ainda a pobreza envorgonhada a perspectiva consoladora da subsistencia assegurada num porvir proximo, porque, na generalidade dos casos, a miseria atual a torna incapaz para o trabalho compensador e eficaz.

A consciencia disso e a debilidade organica dessa pobre gente chegam, por vezes, a ser o impedimento para o encontro daquele trabalho. E tornando-se os organismos campo propicio e facil para a localisação definitiva de molestias, a amargura do sofrimento moral intensifica-se e o epilogo doloroso da vida abrevia-se.

O publico deixa, geralmente, de socorrer essas familias. E como, na realidade, socorre-las, se ignora a sua existencia?

A par, simultaneamente dos mendigos, dos que imploram, por toda a parte, á caridade publica a subsistencia, e da pobreza envergonhada, que entre os horrores da fome, com desesperados prantos, no silencio oculto de um supremo pudôr, ha os vagabundos, os desocupados, em crescido e avultadissimo numero, mais infelizes, talvez, do que aqueles.

Uma visita, pela madrugada, em determinados pontos da cidade, surpreende e contrista,

Nos jardins, nas praças publicas, nos pequenos cáes da Avenida Beira-Mar, á soleira dos grandes edificios, nas calçadas de inumeras ruas, lobrigam-se, á luz farta e radiosa da iluminação publica, legiões de individuos, notadamente de homens e creanças, a dormir, desamparadamente, profundamente, sucumbidos pelo cansaço, pela fadiga, pela fome, pela miseria, pela desesperança de uma vida melhor, pela incerteza horrorosa e concludente do dia seguinte.

São os vagabundos, os sem lar e sem pão, para quem a sorte hostil e implacavel não tem as promessas da posse, algum dia, de um leito e do prato cérto da refeição molesta.

Vivem á solta, sem ao menos o maguado consolo da solidariedade da familia, que não têm, sem previsões ilusorias e confortaveis, guiados pelo instinto pervertido, até tornarem-se habituados ao furto do pão reclamado invencivelmente pelo organismo. Realmente, vão, aos poucos, acostumando-se a roubar, e, por fim, roubam descaradamente, ousadamente.

Apesar dessa ousadia e descaro na prática do furto, atravessam dias sucessivos com o estomago vasio e a alma angustiada.

A fome esgota-lhes o organismo e arranca-lhes as forças.

A inclemencia da sua condição miseravel endurece-lhes os instintos.

Sem lar, sem familia, expostos á chuva, ás intemperies das noites invernosas, desaparecem neles todos os sentimentos afectivos.

Alarma-os e revolta, o luxo dispendioso dos ricos, o desperdicio liberal dos dinheiros, a riqueza opulenta da cidade, com as suas avenidas lindissimas, os seus edificios custosos, a sua luz esplendida e encantadora magnificencia noturna, quando mais os aflige a carencia do pão e do albergue.

Vendo-se assim desprotegidos, ignobilmente hostilizados pela sorte e pela indiferença publica, enchem-se de odio rancoroso apagando-se-lhes o sentimento tão profundamente humano da comiseração e do dó pelo proximo e, simultaneamente, sacrificam, numa revolta de consciencia pungentissima, a crença em Deus—no Deus omnipotente e justo, cuja existencia lhes foi revelada pelos lábios maternos.

E sem dó, sem Deus, sem esperanças de melhor fortuna, tornam-se perigosos, entrando na senda dos crimes violentos, com os roubos e os assassinatos. E quantos homens aproveitaveis são sacrificados por essa inclemencia durissima do destino?!

E mais nada por hoje, caro Arnaldo. Melhor resposta aos destemperos sem nexo desse *alguem* não podia eu encontrar.

Desse *alguem* e de outros mais...

Agora uma só cousa me penalisa: é não poder publicar, juntamente com estas linhas, os dois frisantes *clichés* que, na mesma ocasião, inseriu o *Correio da Manhã*. Todavia eles ai vão... para amostra.

Esses dois *clichés* falam mais alto do que todas as babozeiras dos que se julgam com o direito de duvidar daquilo que outros crevem: falam pelos factos ou antes—pela miseria em que se encontram milhares de patricios nossos que por aqui andam—**sem lar, sem pão, sem dó, sem Deus!**—como muito bem diz o referido diario brazileiro.

Sempre existe, na minha terra, cada alarve, meu caro Arnaldo Ribeiro...

J. Fernandes Tavares

"Nevroses do Sul,,

E' o titulo de um novo livro de versos que acabámos de receber, gentilmente oferecido pelo seu autor, o sr. Santos Luz.

Já um dia tivémos ocasião de nos referir ao poeta em termos que o colocavam a par dos que entre nós mais se teem distinguido por uma fecunda inspiração e isso acentuâmos hoje que Santos Luz nos aparece a enriquecer as letras com um novo volume de sugestivos versos onde ha sentimento, intuição, amôr e realidade.

Santos Luz é um velho amigo nosso e velho companheiro de luta pela democracia, mas em nada contribue essas duas qualidades para o apreciarmos como merece e atravez da sua fertil inteligencia, que lhe permite ainda, nas horas vagas, dar-nos o goso espiritual das suas produções literarias sempre bem vindas e estimadas nesta casa onde ele conta verdadeiros e dedicados admiradores.

Ao mimoso poeta das *Nevroses do Sul*, muito reconhecidos, agradecemos a oferta que tanto nos cativa e a amavel dedicatoria que tanto nos penhora.

PELA IMPRENSA

Completou o seu 4.º ano o bi-semanário de Oliveira de Azemeis, *O Radical*, fundado pelo nosso velho amigo e colaborador, dr. Lopes de Oliveira, e que hoje, sob a direcção do tambem nosso amigo Amadeu Encarnação, segue a politica republicana com filiação no partido democratico.

Enviâmos-lhe sincéros parabens.

=Por divergencias suscitadas com a gerencia, deixou a direcção do diário portuense, *A Montanha*, onde trabalhava desde que este jornal veio á luz da publicidade, o conhecido jornalista Bartolomeu Severino, a quem o partido republicano deve muitos e assinalados serviços.

=Egualmente se desligou do *Povo de Agueda* o seu primitivo director, dr Abilio Napoles, que foi substituido pelo sr. Alexandre de Oliveira Coelho a cargo de quem se achava a respectiva administração.

TEATRO AVEIRENSE

A magnifica orquestra dos Bombeiros Voluntarios, composta de 35 executantes, sob a habil regencia de João Miranda, que, como de costume, abrilhantará a tradicional festa da Apresentação, em 2 de fevereiro, apresentar-se-ha nessa noute no Teatro Aveirense nas sessões extraordinarias com que Maximo Junior inaugura a sua *epoca*, fazendo passar pelo *ecrain* as mais recentes peliculas do **grande conflito europeu.**

Não se trata de qualquer *film* fantastico, mas sim dum valioso documento historico, tirado nos campos de batalha.

Por ele, o publico avaliará os horrores dessa tremenda campanha, cujo peso se faz sentir em todo o mundo.

A par das mais encarniçadas fases dos combates do Aisme, Ypres e do Vistula, o espectador cheio de emoção, vê a devastação dos campos e aldeias, a profanação de egrejas e os destroços dos grandes monumentos, verdadeiras maravilhas de arte, que a negra *Kulture* não tem poupado.

Em ambas as sessões, as fitas da guerra serão diferentes.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Notas mundanas

Por ter deixado de exercer as funções de administrador do concelho de Arouca, partiu para a Guarda a retomar o seu logar de contador do juizo de direito, o sr. Arnaldo de Brito Portas.

=Tambem seguiu da sua casa da Quintã do Loureiro para Sarilhos Pequenos, o sr. José Antonio Dias de Oliveira.

=De regresso da capital esteve nésta redacção e embarcou depois para o Porto, o sr. Augusto de Bastos Costa.

=Já se acha nésta cidade vindo do Pará, o sr. Luiz Marques da Cunha, que chegou de perfeita saude.

=Deu á luz um menino na sua casa do Pragal, a sr.ª D. Palmira de Moraes Sarmento Lima, esposa do nosso conterraneo sr. João da Rosa Lima, a quem felicitâmos desejando ao neofito mil venturas.

=Restabelecido por completo, regressou de Eixo e encontra-se já á frente do seu estabelecimento, o sr. Manuel Maria Moreira, com o que nos congratulâmos.

=Adoeceu, não sendo, porém, de gravidade o seu estado, o sr. Antonio Augusto da Silva, conhecido mestre de obras.

=Efectuou-se no passado domingo, no Porto, o registo civil do filhinho mais novo do nosso amigo Tavares Pinto, empregado na estação central telegrafica daquéla cidade.

O neofito recebeu o nome de Henrique, tendo sido padrinho seu tio, Henrique de Brito e madrinha a sr.ª D. Sára Madureira Beça.

Seja feliz.

O seu a seu dono

O nosso presado amigo e colléga na Comissão Executiva da Junta Geral, dr. Marques da Costa, enviou-nos, para publicar, a seguinte exposição:

Em 9 de janeiro do ano corrente, apresentámos á Junta Geral, na sua sessão extraordinária, um oficio que tinhamos recebido do Ex.mo Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Aveiro, do teor seguinte:

Da Câmara Municipal de Aveiro ao cidadão Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 2 de dezembro de 1914.

Razões ponderosas a que não são extranhas as circunstancias atuaes que dificultam a marcha regular das coisas da administração publica no país, levára o Senado municipal a resolver, na sua ultima sessão, não continuar a pagar, além de 30 de junho de 1915, a renda da casa em que se acha instalada a secção feminina do Asilo-Escola distrital, do que venho prevenir-vos para os devidos efeitos.

Saude e fraternidade.

O Presidente da Comissão Executiva

(a) *Bernardo de Souza Torres*

A leitura deste oficio provocou da nossa parte uma série de considerações, que, se não podiam agradar ao Senado Municipal e ao Ex.mo Presidente da sua Comissão Executiva, eram, contudo, inteiramente justas, pelas razões que passo a expôr.

Quando em janeiro de 1914, por virtude do disposto no Codigo Administrativo, atualmente em vigor, nos foi entregue pela Comissão Executiva da Câmara Municipal de Aveiro, a administração das duas secções do Asilo-Escola, com todos os seus haveres, tendo estas duas casas de educação, edificios proprios para alojamento dos asilados, unicamente recebemos o edificio onde se acha instalada a secção masculina deixando de se fazer a entrega do edificio pertencente á secção *José Estevam*, cuja instalação se encontrava numa casa particular, para esse fim arrendada.

Tal facto, devido á Câmara ter utilisado provisoriamente o referido edificio para aquartelamento do regimento de infantaria 24, que necessáriamente teria de sêr retirado da cidade, por impossibilidade absoluta de conseguir-se de pronto edificio adquado á sua instalação, levou-nos a apresentar á Junta Geral, na sua primeira sessão ordinária, as razões porque entendiamos que á Câmara Municipal de Aveiro se não deviam crear dificuldades, exigindo-lhe a entrega do mesmo, pois tal exigencia traria, como consequencia imediata, a saída daquele regimento, com toda a série de inconvenientes e prejuizos que de tal facto adviriam não só para a cidade, mas até para o concelho.

Que se era cérto que a Junta Geral nenhuma obrigação tinha de regular esta situação, que sómente dizia respeito aos interesses da cidade e do concelho, o que só ao Senado Municipal directamente interessava, tinha, todavia, a obrigação moral de lhe facilitar a resolução dum problema tão capital para os seus interesses, dentro dos limites permitidos por lei e sem prejuizo para os outros concelhos do distrito.

E assim, propuzémos á Junta Geral, que se oficiasse á Câmara Municipal, comunicando-lhe que em sessão se tinha resolvido continuar a dispensar o edificio da secção *José Estevam* para alojamento de infantaria 24, até que a Câmara pudésse conseguir um edificio para quartel ou com os seus proprios recursos, ou com que o Ministério da Guerra fizésse, exigindo unicamente que o Senado resolvesse e nos comunicasse o numero de anos porque necessitava lhe fizéssemos esta concessão, bem como tomasse o encargo do pagamento da renda da casa onde atualmente se acha instalada a secção feminina, visto que a Junta, tendo um edificio seu, não tinha o direito de dispôr dele em condições que a obrigassem a crear despêsas extraordinarias, ferindo assim os interesses dos restantes concelhos, em beneficio só do concelho de Aveiro.

Que o Senado, reconhecendo o nosso interesse em concorrer para o progresso da cidade, devia tambem compreender que o nosso espirito de sacrificio não podia ir além do que a nossa proposta encerrava.

Aprovada esta e tendo a Junta Geral concedido a honra de me dar plenos poderes para, dentro dos limites da minha proposta, resolver o assunto com o Senado Municipal, imediatamente comuniquei ao Presidente da sua Comissão Executiva o que se tinha deliberado, pedindo-lhe uma resolução no mais curto prazo de tempo possivel, de fórma a habilitar-me a apresentar á Junta na sua primeira sessão ordinaria uma solução difinitiva do caso.

Foi assim que, passado tempo, o Ex.mo Sr. Bernardo de Souza Torres me veio comunicar que o Senado tinha resolvido utilisar-se do edificio da Junta por tres anos, tomando para si ao mesmo tempo o encargo do pagamento da renda da casa onde está instalada a secção a que me tenho reportado. Pois apesar de tudo isto o Senado Municipal, em sua sessão ordinária de dezembro, toma a resolução de não continuar a pagar a referida renda, sem sequer se lembrar de que, para o fazer, tinha um unico caminho a seguir, que era entregar-nos o edificio que nos pertence, completamente livre e em condições de ali se instalar a secção *José Estevam*.

Não o entendeu assim o Senado, sendo justo que manifestassemos á Junta na fórma porque apreciámos o citado oficio, a mágoa e a estranhêsa que o mesmo nos causou, atenta a fórma como a Junta tinha sempre manifestado o desejo de aplanar as dificuldades do Senado, para neste caso não prejudicar altamente os interesses locaes e estranhámos até que, na mesma sessão em que tal resolução se tomava, se deliberasse aplicar a gratificação do pessoal de secretaria, uma verba sensivelmente egual á que era destinada á renda do predio, ficando resolvido, por unanimidade de votos, que se exigisse a entrega do nosso edificio, cabendo ao Senado a inteira e completa responsabilidade dos prejuizos que para a cidade adviriam com a saída do regimento de infantaria 24, se por ventura por tal motivo ela se viér a realisar.

Tencionavamos liquidar este assunto com o Senado Municipal, sem á imprensa virmos se não tivéssemos conhecimento de que o Ex.mo Presidente da sua Comissão Executiva a ele se referira na ultima sessão, em termos menos lisongeiros para a Junta, pretendendo fazer confrontos entre a administração feita pelo Senado, das duas secções do Asilo e a da Junta Geral, e ao mesmo tempo

provar que aquela era muito mais economica. Como taes afirmações foram feitas publicamente em sessão e no espirito de algum pudésse prevalecer a convicção de que tal facto é verdadeiro, é que recorremos a este meio, para ilucidar o publico.

S. Ex.ª o Presidente da Comissão Executiva do Senado, para fazer taes afirmações, recorreu ao orçamento que o Senado tinha elaborado para 1914 e, na realidade, nesse orçamento se encontram todas essas economias, com a unica diferença: é de que tal orçamento não corresponde á verdade e se encontra, pelo menos, totalmente errado, como passamos a provar.

Assim, no capitulo 20.º-100 se encontra descrita para alimentação dos asilados e pessoal interno a quantia de 4:800 escudos.

Eis uma das verbas que se podia calcular com precisão, pois sabendo-se que a despêsa média de cada asilado por dia é de 13,4 e sendo já nessa data o numero de asilados de cento e vinte, eles gastariam por ano, cinco mil oitocentos e sessenta nove escudos e sessenta centavos, não entrando ainda nesta quantia a despêsa do pessoal interno, isto é, mil e sessenta nove escudos e doze centavos a mais que a verba para esse fim descrita no referido orçamento.

E quando é possivel fazer-se isto, em verbas que se podiam calcular com precisão quasi matematica, o que sucederá na previsão de despêsas, sujeitas constantemente a oscilações?

Mas não fica por aqui o tal orçamento.

No capitulo 21.º-108, para dividas a diversos fornecedores de generos de alimentação, vestuarios e outros artigos, que as finanças do Asilo não tem permitido saldar ainda, duzentos escudos.

Aqui tem Sua Ex.ª o Sr. Presidente da Comissão Executiva do Senado outra verba que devia ser mencionada com precisão.

Pois assim não sucedeu, visto que a Junta encontrou de dividas atrazadas mil duzentos e quarenta e um escudos e noventa e sete centavos, não entrando nesta verba a importancia de setecentos e setenta e sete escudos e cincoenta e um centavos que pagou de generos alimenticios e outras despêsas feitas pelo Senado nos ultimos mezes da gerencia de 1913.

Para fazer face a todas estas despêsas recebemos em dinheiro, na data da entrega dos asilos, oitenta e cinco escudos e sessenta e sete centavos. Pois apesar de ser esta a precária situação economica daquelas casas de educação, nós encontrámos no capitulo da sua receita ordinaria, art.º 19.º-40:

Saldo provavel em 31 de Dezembro de 1913—**cem escudos!**

Não é a nós que nos compéte averiguar a responsabilidade da *fórma irregularissima* por que o mesmo *está* elaborado, mas *sim* a V. Ex.ª, Sr. Presidente da Comissão Executiva do Senado, pelo menos para evitar que V. Ex.ª, baseado em calculos absolutamente inexactos, vá em uma sessão publica injustamente acusar a corporação administrativa a cuja comissão executiva tenho a honra de presidir.

Aveiro, 19 | 1 | 915.

Marques da Costa

Escola de S. Bernardo

Já foi superiormente autorisada a mudança da escola do sexo masculino do visinho logar para o centro da povoação e que nós aqui advogámos como uma medida justa, atendendo ao interesse manifestado pelo povo em a tornar mais acessivel, centralisando-a.

Como nos consta que se projectam festejos para solenisar a mudança, então falaremos mais de espaço guardando para essa ocasião as nossas felicitações aos habitantes de S. Bernardo.

A politica

—=(*)=—

Nunca pensei que depois de proclamada a Republica a minha crença de republicano fosse tão magoada na sua essencia de sentimentalidade pura, na sua afectividade sincéra. Lembro-me déssa saudosa e antiga união e solidariedade republicana tão grandiosa e sublime que existia entre os caudilhos que, outr'ora, nos tablados dos comicios, acordaram o povo num grito de revolta para fazer baquear um trono secular em que assentava uma monarquia crapulosa e devassa que nos ia cambiando a independencia da nossa querida Patria. E' por isso que a minha crença se sente magoada por vêr essa antiga, grandiosa e sublime união, transformada numa funesta desarmonia, em que rumoreja uma cratera em ebulição numa vulcanica explosão de odios a dentro da politica atual, por vicejar o interesse mutuo e a gula de mandar, numa precipitação louca de uma desmedida ambição politica de vaidades que desastrosos efeitos nos tem acarretado em todas as crises historicas e em todos os grâves momentos politicos que temos atravessado. Sem fustigar ninguem, que não é esse o meu intento, ainda me lembro de lêr nos jornaes onde eles clamavam: *A paz e a união é o lema reivindicativo das nossas fadigas democraticas* e contudo são os mesmos que num bilioso acesso de odios a fuzilar, incitam,aleivosamente,a maioria da nação numa celeuma desenfreada, ruindosa á dissidencia que ameaça produzir uma pugna fracticida de desastrosas consequencias moraes que bastante mal faz ao pedestal da Republica. Lembrem-se bem que a Patria porque vós trabalhasteis incançavelmente outr'ora com afincado amor para a redimir, espera de vós, não o exemplo da desordem, mas sim a realisação grande e sonora daquilo que então, nos comicios, era corrente prégar: *Os republicanos teem um crédo, teem um programa, tem uma orientação, teem uma tatica. São uma força, ordeira e disciplinada, ligando as suas partes componentes com tal coesão que formam um conjunto indivisivel*

Essa ambição politica de um odio tão desastrado numa precipitação louca conduz á ruina, á morte e á destruição gloriando-se a reacção com esta desconjuntura desarmonica, sua arma predilecta e esperando o momento propicio para esfacelar nas suas garras aduncas a joven Republica. O momento é grâve, bem o devem saber todos, e preciso se torna por isso que todos se unam indivisivelmente não só em pensamento, porque quem isso não fizér incorre numa responsabilidade tremenda que mais tarde o tribunal enexoravel da historia castigará justiceiramente.

Pinhão, O. de Azemeis, 15.

J. de Oliveira Ferreira.

Roubos de correspondencia

Fomos procurados no sabado pelos srs. Virgilio Armando Duarte da Silva e Manuel da Luz Lemos, aspirantes do correio desta cidade, que em nome dos seus colégas nos vinham significar o seu resentimento pela local aqui inserta sob o titulo da epigrafe, no numero passado, pois se sentiam atingidos e altamente melindrados, visto serem tambem responsaveis pela manipulação da correspondencia ordinaria, com a fórma como nos dirigimos á repartição onde fazem serviço.

Respondemos aos comissionados que havia uma má interpretação dada ás nossas palavras e que estranhavamos bastante que isso acontecesse e no correio não se ouvisse uma voz a fazer justiça ás nossas intenções, que não eram, não podiam ser diferentes das que guiam todo o homem de bem. Sim; porque lá dentro e aspirantes são ainda os srs. Antonio Maria Duarte, Antonio Dias Simões de Carvalho, Placido Pereira e João Augusto Rosa e estes ainda se deviam lembrar que foi o *Democrata* o unico jornal que os defendeu, ha anos, quando o pessoal da estação foi duramente atacado, posto pelas ruas da amargura o seu crédito e por fim castigado, o unico jornal que, arrostando com as iras do franquismo, esteve sempre ao lado da verdade e nunca descançou enquanto justiça lhes não foi feita após a proclamação da Republica, sinal de que os não considerava criminosos, mas tão sómente perseguidos. E um, porém, havia que nos mereceu até especial deferencia. Era João Rosa. João Rosa que esteve suspenso, que foi transferido para o Funchal, de quem nos despedimos com as lagrimas nos olhos e a quem fomos esperar, cheios de regosijo, no seu regresso a esta terra. Pois, João Rosa, dizem-nos, não teve agora, deante de uma falsa interpretação, uma palavra sequer para opôr ao que de nós estavam pensando os seus colégas, sem razão, porque não ha efectivamente na local nada que possa brigar com a sua dignidade! Não teve. E chegou mais longe: fez causa comum com eles, como no-lo demonstra a devolução do jornal em cuja colecção existem as mais lisongeiras referencias ao seu caracter e á sua honestidade! O que vale é que já estâmos acostumados a receber destes agradecimentos. Adeante. Podiamos ainda falar doutros que de nós só teem recebido provas exuberantes de absoluta confiança, mas não queremos. Para desabafo já basta e, como explicação, o que aí fica julgâmos ser suficiente e de molde a satisfazer a classe dos aspirantes da estação do correio desta cidade que nem sequer pela mente nos passou ao redigirmos a local, visto ser á repartição dos correios, em geral, que nos referimos, e que é preciso, repetimos, expurgar dos elementos deleterios que lá existem para que se não transforme em covil de gatunos deixando de merecer a confiança do publico. Haja em vista o que ainda ha pouco sucedeu em Lisboa com o roubo da mala dos registos e que sobreleva todas as subtrações de correspondencia que se teem praticado, pela audacia dos seus autores, que, além do resto, mostraram ser dum descaramento inaudito.

Procurem-se, pois, e proceda-se rigorosamente contra os prevaricadores. E' isso só que nós queremos, que quer o publico e que os empregados honestos do correio devem exigir tambem para que sobre eles não insidam descabidas suspeições.

E mais nada.

Viana da Mota em Aveiro

Chega ámanhã a esta cidade onde, á noite, efectuará um sarau no Teatro Aveirense, o distinto pianista Viana da Mota, considerado um dos primeiros musicos da peninsula.

O programa, que é variado e atraente, compõe-se todo de musica classica dos melhores autores, como Beethoveu, Mozart, Strausse, Chopim, etc., e que Viana da Mota executará num magnifico piano Bechsteim, vindo expressamente do Porto para este concerto.

Além da parte musical haverá uma outra preenchida pela esposa do insigne artista, D. Berta Bivar Viana da Mota, cantora diplomada pelas principaes conservatorios de Italia, que se propõe egualmente deliciar o publico aveirense com escolhidos trechos do seu variado reportorio.

A casa está quasi toda passada, o que não é de admirar atenta a tama de que gosam os dois eminentes artistas, encontrando-se o resto dos bilhetes á venda na *Tabacaria Havanêsa* do sr. Augusto Carvalho dos Reis, aos Arcos, e no proprio dia do espetaculo na bilheteira do teatro.

CAIXA ECONOMICA POSTAL

—=(*)=—

Em nosso poder o relatorio da *Caixa Economica Postal* relativo ao ano economico de 1913-1914, relatorio que nos traz o convencimento de que no nosso país é uma das mais uteis instituições recentemente creadas.

Folheando-o pudémos verificar com cérta facilidade que o numero de depositos foi de 22:591, na importancia total de 195.581$92, enquanto no ano anterior o numero de depositos foi de 15:951, na importancia total de 89:050$50,5. Vê-se, pois, que houve em 1913-1914 mais 6:640 depositos e que a importancia depositada excedeu a do ano anterior em 106:531$41,5. Emitiram-se 4:143 cadernetas, cujos primeiros depositos importaram em 75:991$61, sendo 2:592 em dinheiro, na importancia de 75:544$01 e 1:551 em sêlos postaes, no valor de 447$60. No auto anterior haviam-se emitido 4:610 cadernetas, na importancia de 44:256$72, sendo 2:944 depositos em dinheiro, na importancia de 43:839$62, e 1.666 em sêlos postaes, no valor de 417$10. Embora o numero de cadernetas, emitidas no ano findo, fosse menos 467 do que em 1912-1913, a importancia dos primeiros depositos foi superior á do mesmo ano em 31$734$89.

Realizaram se 18:448 depositos ulteriores, na importancia de 119.590$31, sendo 9:777 em dinheiro, na importancia de 116:286$31 e 8:671 em sêlos postaes no valor de 3:304$00. Em 1912-1913 realizaram-se 11:341 depositos ulteriores, na importancia de 44:793$78,5, sendo 5:746 em dinheiro, na importancia de 43:011$08,5 e 5:595 em sêlos no valor de 1:782$70. Houve por conseguinte, no ano findo, mais 7:107 depositos ulteriores na importancia de mais 74:796$52,5 do que no ano anterior.

Passando ás operações de reembolsos, nota-se que o numero total de reembolsos foi de 5:540 na totalidade de 126:437$53, sendo 4:784 parciaes na importancia de 117:553$55 e 756 totáes, na de 8:879$98. Em 1912-1913 o numero de reembolsos foi de 1:778 na importancia total de 27:359$68.

O numero de depositos excedeu o dos reembolsos em 17:051 operações e a importancia total destes foi inferior á dos depositos em 69:148$39, isto é, menos 35,3 o/o do que a verba depositada.

Conclue-se daqui que a *Caixa Economica Postal* vai num crescendo de peosperidades devéras animador pelo que são dignos dos maiores elogios todos quantos teem contribuido para o largo e lisongeiro futuro que lhe está destinado.

Necrología

Subitamente, faleceu ante-ontem nésta cidade o sr. Gualterio de Souza Martins, natural da Horta, e filho do major de infanteria 24, sr. Rosa Martins.

O desventurado contava apenas 19 anos tendo regressado ha pouco do Congo Belga.

O nosso cartão de pêsamês á familia enlutada.

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, néssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 16

Mudança de Centro

Acaba de ser resolvido pela Comissão Municipal Republicana deste concelho, e por outros elementos, que seja mudado o *Centro Escolar Democratico* para esta vila, o qual, de ha muitos anos, tem funcionado na Malaposta. Visto que neste meio se póde dispensar a sua qualidade escolar, sómente se dedicará, de futuro, com a nova instalação, a assuntos do nosso partido politico e bem assim a servir de recreio para os seus socios.

E' de grande alcance este facto, por ficar mais central e mais acessivel a nova instalação tendo o partido a lucrar bastante com isso.

=Em virtude das várias razões expostas, em oficio, pelo professor de Vila Nova, deste concelho, a esta Câmara, e de uma proposta feita e largamente apreciada pelo vereador, nosso amigo, sr. Gomes Junior, acabou a mesma Câmara de resolver, em uma das suas ultimas sessões, pôr em pratica a obrigatoriedade do ensino, neste concelho, disposição que em muitas partes não tem passado da lei, visto que as autoridades que em tal assunto superintendem, o tem achado *melindroso*, por se não quererem incomodar nem acarretar para si o odioso.

Achâmos justa a resolução da Câmara, porque as leis não se fazem para ficarem no papel eternamente, e é na sua justa e critériosa aplicação que se observa se elas são bôas ou más e se devem ser alteradas ou integralmente cumpridas.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 18

Somos informados de que a Junta de Paroquia inscreveu no seu orçamento ordinario para 1915 uma verba para reparações na mina e caixa da agua, que está em deploravel estado. Lá se foram por agua abaixo os projectos do seu presidente, que consistiam em nunca reparar a fonte, porque foi obra feita pelos *rapazes*, como ele costuma dizer.

E' muito alegre esta Junta de Paroquia!

Nós sabemos muito bem que era sua vontade não zelar os interesses do povo, mas o diabo é a fiscalisação rigorosa dos republicanos, e as reparações citadas se éla as não fizér alguem os fará.

Os caciques da monarquia hão-de-se convencer que o tempo em que eles gastavam o dinheiro do povo *ad hoc* passou.

Para a frente, é que manda o Gama!...

Parece que tambem foi aumentado o ordenado ao secretário da Junta. Ha quem lhe pareça muito o ele ganhar 12 escudos por ano. Pois meninos, a nós parece-nos um pingo de agua no oceano, atendendo a que ele no tempo da monarquia não trabalhava, por assim dizer, e além do ordenado fixo, tinha aquele *milhito*, chamado da *fabrica*, que sempre lhe rendia uma meia duzia de escudos por ano. Que diabo! Que são agora 12 escudos? E' verdade que ele o ano passado foi tambem de opinião que o secretário cessante não recebesse um centavo pelo seu trabalho. E' um moralão, este sr. secretário da Junta.

O povo não se deve desfazer da prenda.

=Porque será que sendo o rendimento anual das inscrições da Junta de Paroquia, 103 escudos e 95 centavos, éla este ano apenas inscreveu no orçamento 97 escudos pouco mais ou menos?!

Depois queixem-se que somos máus, e que lhes foge a terra dos pés...

O ano passado a Junta atua-

36

daquela localidade espanhola, garantia o seguro exito dessa operação.

A' mão dos nossos correligionários que de perto vigiavam todos os movimentos conspirateiros, chegou uma carta, que em bréve publicaremos tambem, e que fala como um livro aberto.

Este armamento, segundo o plano de Jaime Duarte Silva, devia ser mobilisado, conjuntamente com todo o que se podésse obter, nas minas de S. Pedro da Cova com cujo gerente Sá Lemos brévemente se entendera.

Este Sá Lemos era o chefe dum grande núcleo de civis, especialmente mineiros, a quem o Jaime Silva chamava com dramatico desvanecimento *a coluna negra.*

Os conspiradores preparam a introdução do armamento—Para este fim é adquirido um automovel—Preliminares e manobras—Outro documento sensacional—De como entraram as armas no país—Um encontro macabro

A's pessoas que tem seguido com interesse o relato rigorosamente historico e documentado que estâmos fazendo, vimos agora oferecer um documento que, por cérto, provocará no seu espirito uma profunda sensação.

Esse documento, oportunamente encaixilhado nas *démarches* efectuadas pelos conspiradores, para a aquisição do armamento que devia servir no dia marcado para a revolução, tem um sabôr particular de misterioso e arriscado, e mostra a inexgotavel fantasia com que os *complots encadernavam* os seus mais arriscados movimentos. Antes, porém, de darmos publicidade a esse documento vamos relatar os ultimos preparativos efectuados para a introdução do armamento no país.

Deixâmos ha pouco os leitores a olharem para o ex-reitor de Caminha, comprando as armas em Espanha e para o dr. Carneiro que, em Tabojon, preparava com o contrabandista

33

que estão e por isso retraír-se. Caso dessa fórma nada consigam então novamente me dirigirei a ele mas não o poderei fazer por enquanto. Quanto ao resto não sei o que lhe heide fazer, mas julgo que não sou culpada, nem posso remediar coisa alguma. Se entender, porém, que em alguma coisa lhe posso ser util mande

a sua amiga

Consuelo

Este curioso documento percebe-se desde que os leitores voltem a lembrar-se de que a *Carmen* é o capitão Moutinho Cerqueira, o *Custodio* a tal hospedeira D. Custodia e as *fotografias*, as pistolas-carabinas!!

A missiva acentua duma maneira precisa, como os manuelistas tentam burlar os miguelistas. A referencia do reitor de Caminha ao conego Correia da Silva é, como os leitores vêem, um primor de fraternidade cristã e lealdade conspirateira.

Dizem-nos que muita gente anda admirada com as nossas revelações, especialmente com os documentos. E' cêdo. Ponham-se todos de sobre-aviso, porque a procissão ainda não atingiu sequer as portas da egreja e assim a causar espanto, a meio dela, estão todos pelo menos em desvairamento completo.

não aprovou, por malvadez, uma verba de 8 escudos á comissão republicana cuja despeza éla fez para habilitar-se a vender umas inscrições para dotar a freguezia com um chafariz.

Pois srs.: este ano apresenta em contas uma verba de 10 escudos só para fazer baixar as ditas inscrições do Credito Publico.

Sempre misteriosos estes magnates da monarquia!

=Devido ainda ás grandes enchentes deu-se no dia 7 do corrente uma grande desgraça ali na nossa pateira. Dois serradores que viéram a Ois serrar uma pouca de madeira, resolveram passar a grande lagôa numa caçadeira para o lado de Fermentélos. Com tanta infelicidade o fizéram, que esta, a cérta distancia, tombou, e os desgraçados caíram á agua, morrendo afogados. Contam-nos que os desventurados eram naturaes das Febres de Boeiro e que tinham mulher e numerosos filhos.

Sempre desgraças!

=Acaba de dar a sua valiosa adesão ao partido democratico local, o nosso bom amigo sr. David Soares, o que parece ter causado engulhos a alguns caciques.

Nem admira, após o ter-se dado o que se deu e que por vergonha nem relatâmos.

=Alguns briosos rapazes vão levar á cêna no proximo domingo o sensacional drama em 3 actos—*O Veterano da Liberdade*, que já na visinha freguezia de Travassô esteve para ser representado se altos misterios se não opozessem á tentativa dos moços amadores. Aqui o caso difere muito, apezar de um qualquer brutamontes, embaixador do *rapazote*, nésta freguezia, ter *minado* para que o espetaculo se não realise. Debalde serão, pois, os esforços do miseravel que se não quaduna com a época de progresso que atravessâmos.

Além do drama, será representada tambem a chistosa comedia em um acto, *Ressonar sem dormir* e a cançoneta *Zé garoto*.

E' de esperar uma grande enchente porque os amadores que entram na récita já por vezes se teem distinguido.

=Esteve ontem aqui o nosso querido amigo dr. Elisio Sucena, advogado distinto em Agueda.

=Vai um pouco melhor da doença que ultimamente o reteve no leito, o nosso bom amigo sr. José Maria Alves dos Reis.

C.

Povoa do Valado, 17

Contrariamente á hipotese que anteriormente emitimos neste logar a respeito da cêna de pugilato havida no dia 31 de dezembro ultimo entre João Coutinho, deste logar, e o sr. Antonio Carvalho, de S. Bento, é opinião geral que o primeiro não procede contra o segundo, visto que até ao presente nada consta a esse respeito. Se assim suceder creia o sr. Coutinho que não seremos nós os unicos a reiterar-lhe os encomios que merece.

Ha desforços que aviltam, e o sr. Coutinho se tentasse chamar aos tribunaes o seu parente com certeza que sairia rudemente ferido.

O sr. João Coutinho, contra quem não temos o menor despeito, hade consentir que lhe digâmos aqui que teve má orientação procedendo como procedeu para com o sr. Antonio Carvalho. A sua edade e o desenrolar dos factos deviam proporcionar áquele sr. uma fórma de proceder bem diversa, e assim se engrandecia no conceito da opinião publica.

A prespectiva do crime ou a causa ao crime por outro cometido não nobilita ninguem.

Se do gesto do sr. João Coutinhe lhe resultar qualquer desgosto além do já sofrido, só tem a queixar-se de si proprio, ainda mesmo que alegue em sua defêsa as desavenças entre seu pae e o seu antagonista, desavenças que só ao poder judicial pertence liquidar, visto que particularmente o não podem ou não querem fazer.

Mais acertadamente andaria o sr. João Coutinho aconsêlhando seu pae a desistir da pretenção á rigueira que diz ser sua, do que tomar a detestavel atitude da provocação que apenas póde explicar o direito da força, principio pelo qual a ninguem é licito impôr para se fazer respeitar.

Em oposição a este principio vem necessariamente o argumento de que os filhos teem por dever auxiliar e defender a conducta dos paes, no que estâmos completamente de acordo quando tal conducta esteja em harmonia com os deveres que cada um deve a si proprio e á sociedade, e o pae de João Coutinho parece estar afastado deste principio, o que o filho deve conhecer perfeitamente.

Seu pae, cortando o arvoredo existente na riguaira em questão, nada mais fez do que usar do *posso e quero*, porque bem sabia que lhe faltava a força do direito, o que tacitamente confessa, oferecendo metade desse terreno á parte queixosa. Como explica o sr. Manuel dos Santos Coutinho que, cortando todo o arvoredo e fazendo a limpeza da rigueira em toda a sua extenção e largura, o que quer dizer que éla não pertence a mais ninguem, venha depois dar, gratuitamente, metade do terreno para evitar o procedimento judicial?

Esse acto de *generosidade*, francamente, é estranhavel na pessoa do sr. M. Coutinho; pelo menos o seu passado assim o justifica—não dispensar a quem quer que seja meio centavo do que lhe pertence, no que, todavia, não ha motivo para censura.

O que no meio de tudo estâmos a vêr é que este sr. M. Coutinho se tornou um inimigo figadal das arvores para conseguir os fins que a sua vontade exige.

O sr. Manuel dos Santos Coutinho não quer arvoredo nos terrenos publicos, designadamente naquêles que póde aproveitar aos seus interesses, perferindo antes que esse terreno nunca passe de charco com manifesto prejuizo da higiene; o sr. Coutinho não quer que os seus visinhos em propriedade conservem arvores no seu terreno, mas cortando-as, alarga a sua e tudo o mais são historias. Anda bem, anda bem, mesmo porque quem assim não fizér nunca passa de pé de pecegueiro...

O sr. Coutinho entende...

C.

Comunicados

DOUTRINÁ LATA

Todo aquele que não fôr capaz de manter com imparcialidade o respeito devido ao seu semelhante sem intenções explorativas, caprichosas ou vingativas é indigno de ultrapassar as portas do templo do bem.

A facada aristocratica vibrada, cobardemente sem defêsa possivel, (inquisitorial) nas trevas do sectarismo, é o espelho mizeravel de pequeninos organisadores.

O espirito do bem manifestado em feitos religiosos e aparencias misericordiosas está ali em decadencia bem manifesta por falta de espiritos mais activos. A instalação dum tasco nas suas entranhas é indispensavel e urgente.

(Da telefrafia dos meus mortos transcrita á risca, em sua honra.)

O que não é lá muito espiritual e eu andar a apanhar o meu pontapé de qualque jogador da vermelhinha que lhe apeteça estorvar o cumprimento dos deveres sociaes e humanitarios.

A MINHA DEFÊSA EM CARAPUÇAS

Algo desanimado sou forçado a interromper a publicação dos meus escritos, por outros assuntos preocuparem o meu espirito neste momento.

Não foi possivel destravar a gaita falante, para dar á taramela na imprensa, a reprodução dos seus primorosos disticos, comungados nos momentos intimos, em que a honra atirada para debaixo do balcão da autocracia gananciosa, faz luxos no prazer de me vêr emigrar désta terra, onde havia de purificar com a luz do sol, o seu instincto caritativo, as suas faculdades e falcidades inerentes e os prepositos guerreiros e diabolicos a que se abalançam.

Pois continuem a pôr de molho as vossas indigestas bacalhoadas e depois implorai de mãos postas a misericordia dum espirito superior que distraia as consequencias dos erros alimentares que congestionam essa civilisação deleteria.

E se não quereis que o vosso passado tambem peze sobre as responsabilidades presentes, regenerai-vos porque o homem é evolucionista. Ainda é tempo de afinarem a balança da consciencia, para depois em actos benemeritos equilibrarem a grande sobrecarga de indignidades monarquisadas, que um passado doentio legou ao rol das leviandades.

A simples alimentação que uso não me deixa perder a estribeira com facilidade, porque se não fôra isso, tambem legaria a meus filhos um nome conforme as praticas da vossa civilisação.

Mas como não ha quem os faça perder o gosto pelas caldeiradas de diversas especies vou lembrar-lhes um novo estabelecimento terapeutico, onde Vonderput deve fazer prodigios com a aguilheta fulgurante, a derrubar, á força de agua fria, o nervosismo inabalavel aos elixires da sentimentalidade.

Sou um inconveniente, na opinião dos visados, mas tambem um ferido muito magoado que veio aqui demonstrar ao mundo democratico o motivo que levou os seus parentes a decretarem um tal isolamento.

Não fiz uma defêsa concreta como era para desejar. A minha *mona* (pião de 2 bicos) não adormece tranquilamente fechada no circulo a que fora jogado com um pouco de engenho e arte. Para tratar só da minha pessoa faltava um tanto á modestia dos meus habitos. Preciso se tornava tambem escaravelhar de fórma que não fosse atingido pelo labeu de horrivel massador.

Ornamentei esses escritos conforme pude, prendendo a minha defêsa a curiosidades da educação social com cordas de madresilva espinhosa, colhidas nos troncos de floridos e aromatisantes pilriteiros.

Espero portanto merecer desculpa para as minhas faltas se atenderem a que passei o melhor da minha vida a jogar com algarismos cheios de responsabilidades que não permitiam desvios de especie alguma.

E ao meu bom amigo Arnaldo Ribeiro como agradecimento pela publicação dos meus escritos, um abraço cheio de reconhecimento que é o dever dum explorado por outro jornal.

Ilhavo, Janeiro de 1915.

Marcos Ferreira Pinto

Adquirindo armamento—A historia dum cheque com o seu recibo em cifra—Quem foi o encarregado de introduzir o armamento no país—S. Pedro da Cova campo de concentração de material de guerra—A coluna negra—Uma carta

Os preparativos para a conspiração de 1913 tinham, como vêem os leitores, interessantissimos aspectos, entre os quaes o de maior vulto era a discordia entre miguelistas e manuelistas.

Pelo que temos exposto prova-se á sociedade que os elementos comprometidos na conspiração de 1914 eram precisamente aqueles que em 1913 actuavam da maneira como temos relatado.

Temos até hoje tratado dos preparativos para a revolução do ano passado e frizado a viva intrigalhada que reinava entre os conspiradores. Hoje continuamos na historia desses preparativos, que vão topando o seu termo na aquisição do armamento necessário á tentativa realista. Assim, os *complots* de Espanha, atendendo ás constantes reclamações que daqui lhe eram enviadas a proposito da aquisição do armamento, pozéram em campo toda a sua actividade.

O reitor de Caminha, conforme as instancias do *Mélinho* na carta que publicámos, tratou de solucionar o assunto, consultando o mercado, assentando em preços e resolvendo a compra de material.

Como vimos já, tambem, o Cecioso de Melo encarregára o dr. Oliveira Lima da obtenção do cheque representativo da soma entregue a este e retirada do dinheiro enviado para o *Comité* e cuja recepção o Jaime Silva acusava no documento que publicámos anteriormente.

Este cheque foi efectivamente adquirido pelo Oliveira Lima na casa bancaria de José Augusto Dias e sobre o banqueiro Marques da Riesta, de Ponte Vedra, grande amigo dos conspiradores portuguêses e seu protector na Galiza. esse documento devia ir ás mãos do conde de Azevedo que

passaría dele recibo em cifra, o que efectivamente fez, sendo a versão desse recebido traduzida pelo Oliveira Lima que possuia a chave da cifra, sendo entregue depois ao Jaime Duarte Silva.

Para que os leitores apreciem a veracidade das nossas revelações vamos pormenorisar ainda como foi feita a aplicação da soma desse cheque que importava em 26:871 pesetas: 371 pesetas seríam retiradas para despezas eventuaes de expediente e o restante, isto é, 26:500 correspondia á importancia da encomenda de armas feita pelo reitor de Caminha, de acordo com as decisões do *comité* do Porto e conforme a nota detalhada em documento que brévemente publicaremos.

O conde de Azevedo passou, efectivamente, esse recibo cujo fac-simile o *Mundo* reproduziu já o ano passado e que é do seguinte teor:

> *Vigo 4 de agosto—Meu Ex.mo Am.o L—Deu-me ontem cheque 26.500 pesetas para pagamento da encomenda=L sabe muito bem que estamos trabalhando para a satisfazer com urgencia.*
>
> *Ha necessidade, que Londres reconheceu, de que venha aqui emissário desse C—para com este conferenciar e P. D.—E' possivel que venha tambem Azev.o C.—Londres aconselha que emissário seja militar, que saiba plano geral e esteja ao facto do que precisam* comités *de Braga—Brag.a—etc. Convém V. Ex.a disponha tudo nesse sentido—Esse emissário póde passar clandestinamente. L—leva todos os dados para passagem se fazer com a absoluta segurança.—Emissário não póde vir antes do dia 11, sendo necessário avisar-me com 5 dias de antecedencia—C. A.*

Adquirido o armamento, o *Comité* entrou de preocupar-se com a sua introdução em Portugal. Desta operação arriscada, e á qual os conspiradores ligavam a maxima importancia, encarregou-se um tal dr. Carneiro, homisiado em Tabajó desde 25 de setembro, e que por intermedio do contrabandista português Norberto de Lanhelas, povoação fronteiriça